

# POR UMA PESQUISA ESCRIVENTE: ENTRELAÇANDO CAMINHOS, NARRATIVAS E ESCRITAS

■ MICHELLE DANTAS FERREIRA

 <https://orcid.org/0000-0002-8314-1903>

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

■ ADRIANNE OGÊDA

 <https://orcid.org/0000-0001-5632-4539>

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

■ EDILANE OLIVEIRA DA SILVA

 <https://orcid.org/0000-0002-6422-4121>

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

■ VITÓRIA DA SILVA BEMVENUTO BONIFACIO

 <https://orcid.org/0000-0002-1300-0806>

Universidade Federal do Rio de Janeiro

## RESUMO

Quatro professoras-pesquisadoras se encontram neste ensaio a fim de narrar como as dissertações de Mestrado<sup>1</sup>, realizado em uma universidade pública federal, foram tecidas pelos fios da pesquisa narrativa (auto)biográfica, tendo como verbo-fundamento ético-político-estético assumir a força das histórias contadas e das experiências vividas como centrais para fazer ciência no campo da Educação, de maneira mais sensível e fora da fôrma. Atentas ao ensinamento de que este trabalho não se destina à definição de conceitos, dispendo-se ao exercício de desdobrar e tecer palavras, que na circularidade da roda e dos encontros, construam outros sentidos e encaminhamentos às narrativas aqui contadas. Para tanto, o texto se encaminha afirmando nossas escolhas e apostas, impulsionadas pelo (re) viver das dissertações – convite que estendemos a vocês –, tendo as Escrevivências e as narrativas de cunho Autobiográfico como percursos vitais e centrais nesta/desta composição, coe-

<sup>1</sup> Ensaio decorrente de pesquisas de Mestrados em Educação, realizados em uma Universidade Pública Federal do Rio de Janeiro e finalizados em 2021 e 2022.

rentes com retratos de mundo que se pretendem constelações, afirmadas pela tessitura de reflexões e conexões (re)significadas por uma pesquisa-vida, ao longo do processo de criação desta escrita-viva, evocadora de nossa ancestralidade. Diante disso, esta aposta é um de seus achadouros mais preciosos, juntamente com a oportunização de formações sensíveis e inteligíveis, que colocam o corpo em cena e retroalimentam as práticas educacionais cotidianas.

**Palavras-chave:** Narrativas (Auto)biográficas. Escrevivência. Pesquisa-Vida. Formação Docente. Educação Básica-Universitária.

## ABSTRACT

### FOR WRITING RESEARCH: INTERTWELTING PATHS, NARRATIVES AND WRITINGS

Four professor-researchers meet in this essay in order to narrate how the Master's dissertations, carried out at a federal public university, were woven together by the threads of (auto)biographical narrative research, with the ethical-political-aesthetic verb-foundation assuming the strength of the stories told and the experiences lived as central to doing science in the field of Education, in a more sensitive way and outside the box. Attentive to the teaching that this work is not intended to define concepts, offering the exercise of unfolding and weaving words, which in the circularity of the circle and meetings, build other meanings and directions to the narratives told here. To this end, the text proceeds by affirming our choices and bets, driven by the (re)living of the dissertations – an invitation we extend to you –, with the Writings and narratives of an Autobiographical nature as vital and central paths in this/this composition, coherent with portraits of the world that are intended to be constellations, affirmed by the weaving of reflections and connections (re)signified by life-research, throughout the process of creating this living-writing, evocative of our ancestry. In view of this, this bet is one of its most precious finds, along with the opportunity for sensitive and intelligible training, which puts the body on stage and feeds back into everyday educational practices.

**Keywords:** (Auto)biographical narratives. Writing. Research-Life. Teacher Training. Basic-University Education.

## RESUMEN **POR UNA INVESTIGACIÓN ESCRIBIENDO-VIDA: CAMINOS ENTRELAZADOS, NARRATIVAS Y ESCRITURAS**

Cuatro profesoras-investigadoras se reúnen en este ensayo para narrar cómo las disertaciones de maestría, realizadas en una universidad pública federal, fueron tejidas por los hilos de una investigación narrativa (auto)biográfica, asumiendo el fundamento verbal ético-político-estético, la fuerza de las historias contadas y las experiencias vividas como centrales para hacer ciencia en el campo de la Educación, de una manera más sensible y fuera de lo común. Atentos a la enseñanza de que esta obra no pretende definir conceptos, ofreciendo el ejercicio de desplegar y tejer palabras, que en la circularidad del círculo y de los encuentros, construyen otros significados y direcciones a las narrativas aquí contadas. Para ello, el texto procede afirmando nuestras elecciones y apuestas, impulsados por la (re) vida de las disertaciones – invitación que les extendemos –, con los Escritos y narraciones de carácter Autobiográfico como caminos vitales y centrales en este/ esta composición, coherente con retratos del mundo que pretenden ser constelaciones, afirmada por el tejido de reflexiones y conexiones (re)significadas por la investigación de la vida, a lo largo del proceso de creación de esta escritura viva, evocadora de nuestra ascendencia. Por todo ello, esta apuesta constituye uno de sus hallazgos más preciados, junto con la oportunidad de una formación sensible e inteligible, que pone en escena el cuerpo y retroalimenta las prácticas educativas cotidianas.

**Palabras-clave:** Narrativas (auto)biográficas. Escribiendo. Investigación-Vida. Formación de Profesores. Educación Básica-Universitaria.

### A narrativa encontra o ensaio

Uma vírgula é uma pausa no mundo, um convite a olhar bem o que habita as frestas; um respiro às nossas explicações tão indolentes. Uma provocação a dar-mo-nos tempo e silenciar para escutar o outro – sua voz, corpo e existência (Ribeiro, 2022, p. 100).

Uma história, para nós, é como a conversa para Tiago Ribeiro (2022) – uma generosa pausa no mundo para encontrar-se com o outro. Na verdade, assim como para Tiago, a conver-

sa também nos é respiro. Aliás, não seria uma história, uma conversa, por meio da qual as existências se afetam umas às outras em um movimento de “[...] abertura, encontro, busca, atenção, escuta, cuidado [?]” (Ribeiro, 2022, p. 101). Pelo vínculo da narrativa de uma história, firmado pelos fios de uma boa conversa, deslocamos o pensar, o tempo e o espaço para descobrir; “[...] sim, descobrir: precisamos descobrir. E descobrir é sempre ir se dando conta;

nunca acaba. E toda descoberta fala sempre de nós mesmas” (Ribeiro, 2022, p. 103).

Eis aí a teia que nos une nessa história: a teimosia de fazer com que as narrativas, chegadas a nós pelos fios da memória que tomam corpo na fala de cada pessoa, sejam a base teórico-metodológica por meio da qual constelamos pesquisas. Investigações que vestidas das existências que constelam, são coletivas. Por mais díspares que possam parecer, se aproximam pelos detalhes, trajetórias, pelo sentimento compartilhado diante de uma narrativa que, por mais pessoal e subjetiva que seja, encontra receptividade em cada individualidade.

Com base nisso, este texto, portanto, nasce como espaço-tempo para narrarmos como nós, três pesquisadoras que viveram suas formações no curso de Mestrado em Educação juntas – e sua orientadora em comum –, teceram suas dissertações pelos fios da pesquisa narrativa (auto)biográfica, tendo como verbo-fundamento ético-político-estético assumir a força das histórias contadas e das experiências vividas como conteúdo<sup>1</sup> para fazer ciência no campo da Educação de maneira mais sensível (Duarte Jr., 2000), mais fora da fôrma (Guedes; Ferreira, 2020).

Para isso, adotamos o ensaio aqui como método e forma (Bondía, 2003) para dar corpo à nossa narrativa. Uma escolha disruptiva, já que “ensaiar” é um movimento que acontece, muitas vezes, nas frestas dos escritos acadêmicos, abafado e excluído por formas dominantes de discursos que “[...] impõem determinados modos de escrita e excluem outros [...]” (Bondía, 2003, p. 102). Assim, assumimos tanto o ensaio quanto a pesquisa narrativa (auto)biográfica, colocando em xeque as fronteiras “[...] entre ciência, conhecimento, objetividade e racionalidade, por um lado; e arte, imaginação, subjetividade e irracionalidade por outro” (Bondía, 2003, p. 106), bem como questionando definições padrões do que cabe dentro do

mundo acadêmico como escrita, resultado, objetivo e modo de produzir aquilo que se quer científico.

Uma postura diante da pesquisa, da vida, que por se fazer mais “[...] orgânica e não mecânica ou arquetônica” (Bondía, 2003, p. 112), não é simples e não está dada, sabemos bem. Uma escolha que nos exige, cotidianamente, olhar com dedicação para os acordos e rigores acadêmicos tradicionais e, concomitantemente, enxergar na ordinariade do cotidiano, as potências transformativas que habitam o espaço e o tempo entre os/as sujeitos/as (Guedes; Ribeiro, 2019). Perceber com alumbramento aquilo que acontece na palavra não dita, no pelo que arrepia, nos olhos que lacrimejam, no grito que nos emudece, no pensamento que viaja e no corpo que migra de uma região para outra com aquilo que tem de mais precioso – a sua trajetória.

O que requer que nos posicionemos como sujeitas de experiência, nos colocando disponíveis àquilo que nos acontece, atravessa (Larrosa, 2021) – tanto como pesquisadoras no campo das narrativas (auto)biográficas quanto como ensaístas, atentas ao ensinamento de que nosso trabalho não é sobre definirmos conceitos, mas diz respeito ao exercício de desdobrar e tecer palavras, “[...] precisando-as nesse desdobramento e nas relações que estabelece com outras palavras, levando-as até o limite do que podem dizer, deixando-as à deriva” (Bondía, 2003, p. 114) para que no contato com outras pessoas, encontrem outros sentidos e encaminhamentos.

Perceber e narrar, com rigor flexível (Guedes; Ribeiro, 2019) o que se releva e se esconde nas histórias fiadas. Desviando da linearidade imposta por uma perspectiva de ciência que “[...] se quer como verdade única, inabalável, indubitável, quase como uma dogmática de métodos e procedimentos apriorísticos e infalíveis” (Guedes; Ribeiro, 2019, p. 20). Escu-

tar-narrar-escutar-narrar em um ciclo que se retroalimenta nas relações que vamos compondo entre vontades de saber e mudanças de pontos de vista que nos conduzem a articular produções acadêmicas móveis, que se deslocam e nos deslocam.

Uma ação disruptiva, “um gesto perigoso que pode interromper o fluxo da normalidade, do ‘assim’ das coisas e perscrutar outros possíveis” (Guedes; Ribeiro, 2019, p. 21), assim desejamos. Por isso, confiamos em caminhos metodológicos (auto)biográficos que, gestados na intimidade, são irrepetíveis, porque vividos. Incopiáveis, porque experiências (Bóndia, 2021). Um processo que, tal como o ensaio, “[...] está incrustado no tempo, e por isso aceita e assume seu caráter temporário, efêmero, sua própria finitude” (Bóndia, 2003, p. 110-111).

Quem narra, quem conta histórias, quem ensaia, está atravessado por um contexto cultural concreto, simbólico e, por isso, escreve, registra “[...] no presente e para o presente” (Bondía, 2003, p. 111). Mas, da mesma medida que uma história fica registrada no corpo; no papel, as palavras, ganhando vida pelos fios da memória e da oralidade, percorrem o tempo, chegam à outras gentes compostas de outros sentidos que, em contato com as narrativas, as transformam e são por elas transformadas – porque “[...] verdade e história acontecem juntas” (Bondía, 2003, p. 111).

Percebemos, então, uma outra proximidade entre os gestos de narrar e ensaiar: assim como há muitas maneiras de se contar uma história, podendo haver diferentes inícios, fins que se tornam meio e palavras que ganham novas entonações a depender da materialidade da vida de quem conta e quem escuta, o ensaio também

[...] não adota a lógica do princípio e do fim, nem começa pelos princípios, pelos fundamentos, pelas hipóteses, nem termina com as conclusões, ou com o final, ou com a tese, ou com

a pretensão de ter esgotado o tema (Bondía, 2003, p. 112).

Isso nos encanta. Nos encanta, da mesma maneira que uma pessoa que tem sua voz embargada porque emocionada por um acontecimento que narra, cria uma pausa, um respiro profundo; aquela vírgula que nos foi apresentada por Ribeiro (2022) no início desta seção. A narrativa embargada ganha um espaço-tempo, fazendo com que a história contada nunca mais seja a mesma. A história pode acabar ali, naquele instante de emoção, mas, o ponto final pode tornar-se também a continuidade de novos rumos, ser atalho para outras histórias que se entrelaçam com aquela que estava sendo contada.

Assim, a pessoa que narra ou ensaia pode (e por que não?)

[...] inicia[r] no meio e termina[r] no meio, começa[r] falando do que quer falar, diz[er] o que quer e termina[r] quando sente que chegou ao final e não por que já nada resta a dizer, sem nenhuma pretensão de totalidade (Bondía, 2003, p. 112).

Apostando nisso, escolhemos começar por aqui, de onde “a narrativa encontra o ensaio”, contando sobre o que nos mobiliza, o que nos vincula, o que nos faz entremear o gesto de narrar ao de ensaiar, a que perspectiva de produção acadêmico-científica estamos ligadas e explicitar, de antemão, aquela à qual nos distanciamos. Para isso, vocês, leitoras e leitores, percorrerão conosco um caminho que, já iniciado na trilha que percorremos até aqui, segue por mais três atalhos. O primeiro traz o foco para a Escrivência, apostando na relação que duas das autoras experimentaram com este conceito nas Pesquisas-Vida (Godoy; Ramallo; Ribeiro, 2023) de suas dissertações de mestrado, finalizados, respectivamente, em 2021 e 2022. No segundo, as narrativas assumem a cena, contracenando com outra autora e sua pesquisa de mestrado – defendida em

2021. Por fim, o terceiro e último, no qual os fios se encontram e a costura é, por hora, arrematada, mas trazendo sempre a possibilidade de desfazimento do ponto e de novos inícios.

Convidamos todas e todos a fiarem/desfiarem/cerzirem conosco os fios de pesquisas que narram – e costuram narrativas que são – formas outras de se relacionarem com a produção de conhecimentos e de fazerem pesquisa.

## Escrever, viver, se ver

Nesta seção narramos a relação estabelecida entre duas das autoras e suas pesquisas com o conceito-experiência “Escrevivência”, cunhado por Conceição Evaristo. “Escrever, viver, se ver” (Evaristo, 2020, p. 59), isto é, “Escrevivência”, nos ensina a autora. Um conceito-experiência banhado de ação, movido pelo gesto de ser no/com o mundo, perceber e se atravessar por aquilo que nos acontece. Conceito-experiência em que “[...] o ato de escrever se dá profundamente cúmplice com a vivência de quem narra, de quem escreve; mas, ao mesmo tempo em que o sujeito da escrita apresenta em seu texto a história do outro, também pertencente a sua coletividade.” (Evaristo, 2020, p. 18).

Um “[...] ato de defesa de direitos, de formação” (Nunes, 2020, p. 15): direito a compartilhar, a ser escutada/o, a registrar, a criar sentidos a respeito da própria existência. Ou seja, direito de se expressar e ser visibilizado/a como sujeito/a de conhecimento (Freire, 2021).

Identificadas com essa maneira de pensar – experimentar a vida e formas outras de viver/fazer pesquisa, damos continuidade à esta seção, assim como fizemos em nossas dissertações: pedindo à Conceição Evaristo sua benção para que possamos tecer as próximas linhas com os fios de escre-viver. Pedimos também licença, pois, compreendendo que “Escrevivência” é força de luta e de visibilização, principalmente, de mulheres pretas no Brasil, nos

conectamos a ela, mesmo sendo uma mulher parda e uma mulher branca, nos embasando no entendimento de que:

[...] escrevivência traz a experiência, a vivência de nossa condição de pessoa brasileira de origem africana, uma nacionalidade hifenizada, na qual me coloco e me pronuncio para afirmar a minha origem de povos africanos e celebrar a minha ancestralidade e me conectar tanto com os povos africanos, como com a diáspora africana. Uma condição particularizada que me conduz a uma experiência de nacionalidade diferenciada. Assim como é diferenciada a experiência de ser brasileiro vivida, de uma forma diferenciada, por exemplo, da experiência de nacionalidade de sujeitos indígenas, ciganos, brancos etc. Mas, ao mesmo tempo, tenho tido a percepção que, mesmo partindo de uma experiência tão específica, a de uma afro-brasilidade, consigo compor um discurso literário que abarca um sentido de universalidade humana. Percebo, ainda, que experiências específicas convocam as mais diferenciadas pessoas. (Evaristo, 2020, p. 31)

Abraçadas, portanto, por seu significado universal humano, nos aproximamos da “Escrevivência” por seus sentidos que convocam a luta, a força e a resistência frente às desigualdades, à misoginia, ao racismo, sexismo, eurocentrismo (Oliveira, 2020) e de maneiras únicas, embranquecidas, de se contar histórias (Adichie, 2020). Nos vinculamos a ela para, junto com sua potência transformativa, ir de encontro com as demais atrocidades que atravessam e fazem sofrer grupos discriminados e as que reforçam a exclusão social de diferentes maneiras, principalmente, as que dizem respeito à população periférica – grupo no qual estamos inseridas enquanto mulheres nascidas e criadas, uma na Zona Norte e outra na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. Bem como pesquisadoras, que elaboraram seus campos de estudo em um Centro Integrado de Educação Pública (CIEP), localizado em uma das regiões do Rio de Janeiro que possui um

dos menos Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da América Latina – Acari.

A este respeito, Evaristo (2020, p. 32) explica que:

[...] a maioria das personagens que construo se apresenta a partir de espaços de exclusão por vários motivos. Pessoas que experimentam condições de exclusão tendem a se identificar e a se comover com essas personagens. Um sujeito gay se vê nesse texto porque, também ele, vive essa experiência de exclusão. Um sujeito pobre tem a mesma identificação com uma personagem que vive a condição de pobreza.

Exclusão, palavra que em nossa prática como educadoras, pesquisadoras e gentes, lutamos cotidianamente para superar: exclusão daquilo que não “deu certo” na dissertação – mas por que não falar dos problemas e desvios de caminho? Exclusão de nossas identidades para a composição do estudo – mas por que não “[...] uma pesquisa que possa ser escrita e vivenciada em primeira pessoa, que possa dizer algo do eu que investiga, ser revestida e investida da palavra própria, do percurso singular[?]” (Ribeiro; Guedes, 2019, p. 28). Exclusão dos/das participantes como coautores/as do processo de investigar e, portanto, exclusão de suas narrativas como conteúdo da pesquisa – mas por que não

[...] uma ação investigativa que nos é e no qual nós somos, com face, sangue, corpo e ossos: experimentação, sensibilidade, presença, atenção, escuta, acompanhamento e uma sorte de gestos que confortam uma pesquisa em primeira pessoa, isto é, uma pesquisa que tenha, ela mesma, a autoria como marca e modo de caminhada, de habitar o fazer investigação [?] (Ribeiro; Guedes, 2019, p. 28).

Empenhadas nesta superação, assumimos a “Escrevivência” como força metodológica narrativa (auto)biográfica em meio à pandemia de Covid-19 – situação planetária pela qual fomos atravessadas enquanto artesanávamos nossas pesquisas. Acontecimento que, perpas-

sando dimensões de saúde, políticas, sociais, econômicas e humanas, emergenciou atenção urgente à vida, às maneiras pelas quais estávamos vivendo e, principalmente, como poderíamos dar a ver, na dimensão científica que como pesquisadoras nutríamos diariamente, aquilo que se inscrevia em nosso cotidiano e no das coautoras que conosco teciam os fios das dissertações: as/os educadoras/es do Centro Integrado de Educação Pública (CIEP), localizado em Acari e de uma Creche Pública da Zona Sul do Rio de Janeiro.

Cumpliciando a ordinariedade da vida e aquilo que a perpassa com a cientificidade, nos interessava, portanto, não só visibilizarmos os percursos, tão – ou até – mais importantes do que a chegada; mas fortalecer nossas identidades e autorias, que se (trans)formaram no fazer-viver-ser a pesquisa e os vínculos que criamos e fortificamos com pessoas-parceiras desses estudos, que são também vozes que emanam e ecoam das/com as pesquisas; ref(v)erenciando-as enquanto potências metodológicas e epistêmicas que descolonizam e deslocam saberes, que não se consolidam em si mesmos, mas se tornam consistentes na relação, no fluxo tortuoso de se fazer/refazer enquanto se experimentam, abraçando as imperfeições, as (im)possibilidades e os imprevistos que surgem, pois estão no processo da vida.

Com base nisso, nossas pesquisas se endereçaram às/aos profissionais da educação e suas formações, buscando, por meio de experimentações pela via do corpo (Freire; Nogueira, 2020), visibilizar seus protagonismos e as sabedorias/conhecimentos que traziam de suas vivências com/no mundo para forjar, portanto, ambiências formativas que lhes mobilizassem intelectualmente, socioculturalmente, politicamente e esteticamente.

Para tanto, as duas pesquisas, tendo a “Escrevivência” como força *práxis*-metodológica, propuseram, coletivamente, a artesanias de

momentos de percepção de si, fruição, leitura, escrita, invenção. Vivências com práticas corporais: dança, cultivo de plantas, preparo de alimentos, respiração, automassagem etc. Eram nossos corpos junto daquilo que lhes atravessava, fazendo-os doer ou sorrir que, a cada encontro, evocam o “formativo”. A este respeito, Freire e Nogueira (2020) nos ensinam, ao cumpriciarem as diversas dimensões humanas, que os conhecimentos são capturados, percebidos e descobertos pela via do corpo e, por meio deles, o intelecto se enriquece.

Vê a intimidade que existe entre (por exemplo) um favelado e os limites de sua alegria. E essas pessoas vão transando com os limites de sua existência e vão aprendendo e vão resistindo e vão realizando um saber corporal. É água que não chega na casa, é o quarto que tá faltando em espaço, é o corpo que aprende em suas faltas. Eis aí uma forma de conhecimento direta (Freire; Nogueira, 2020, p. 40).

Saberes inCORPORados em nós, experimentados e manifestados em coletivo: em nossas narrativas, nos olhos cruzados, nos gestos que dizem, nas conversas noite adentro, nas histórias que transformam linguagem em sonhos e nos estimulam a, inventivamente, forjarmos, desde o encontro, outros devires. Saberes inCORPORados que nos ensinam que (nos) formamos todos os dias de nossas vidas, do primeiro ao último suspiro, e que, enquanto seres complexos (Morin, 2001), nossa existência está conectada e é atravessada por situações-pessoas-eventos, que também nos constituem; assim como somos corpo-natureza e nossa inteireza abarca suas múltiplas dimensões: física, emocional, social, histórica, política...

Diante disso, experimentamos uma pesquisa que, encharcada de nossas ancestralidades, foi sendo tecida na relação com as/os educadoras/es, formando a elas/eles e a nós mesmas, em um processo de circularidade no qual prática-teoria-pesquisa-vida-formação se mis-

turam, emergem e transformam, potencializando a construção de conhecimentos outros, formações outras, educações outras.

## Pelas veredas do caminho: memórias de um percurso (com) partilhado

[...] escrever é deixar a alegria me visitar. Ela chega medrosa e devagar, pois todo contentamento é cauteloso. A alegria é mansa, pisa leve, entra se desculpando como se o coração humano não fosse seu lugar. É preciso escolher palavras para preservar sua presença. Escrever é dar as palavras o mesmo tratamento o qual o pintor seleciona suas cores e o pedreiro equilibra seus tijolos. Escrever é desenhar com cuidado as nuances que intrigam e instigam o espírito. Escrever é apaziguar o susto de viver em um mundo em permanente mudança e que o cotidiano comprova. Escrever é fazer carinho em mim, abençoando o que ainda não foi revelado, inclusive o tamanho das verdades. [...] (Queirós, 2007, p. 23-24)

É aceitando o convite de Queirós que vamos deixando a alegria fazer morada na escritura do texto, revivendo e (re)contando das escolhas tecidas no processo de investigação da pesquisa de mestrado, com foco aqui para as narrativas (auto)biográficas (Passegi; Souza; Vicentini, 2011; Bolívar, 2014). Embora, ao escrevê-las hoje, se apresentem como uma escrita que ressignifica a experiência vivida, uma vez que já fomos atravessadas por tantas outras narrativas e vivências.

Assim sendo, escrevemos-desenhamos-compartilhamos nossas escolhas espiteme-político-metodológicas trilhadas por diferentes veredas, que foram nos constituindo e nos construindo pesquisadoras, por acreditarmos que “nossos interesses de pesquisa provêm de nossas próprias histórias e dão forma à nossa investigação narrativa” (Clandinin; Connelly, 2015, p. 121). Pois bem, se nossos desejos de

pesquisa já estão em nosso corpo, o que nos leva a nos distanciarmos de nós mesmas? Se estão em nós, por que tecer uma pesquisa em que o “eus” ficam a margem? São inquietações impulsionadas por memórias, vivências e leituras convocadas a buscar no corpo, os desejos entranhados nele.

Quando criança, o anoitecer era festejado em um pequeno espaço-tempo do mundo, onde a magia acontecia por meio das histórias contadas. As famílias se reuniam antes de dormir para saboreá-las. Histórias estas, que passaram de geração em geração e continuam sendo contadas, recontadas, ressignificadas, pois nelas reside a união dos que vieram antes e lutaram nossas lutas e dos muitos que ainda estão por vir, disseminando “um saber [que é] particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal” (Larrosa, 2014, p. 32). Narrativas de lutas, culturas, ancestralidades, memórias.

O tempo passa, a vida continua seguindo o fluxo, e os processos educacionais, de diversos modos – seja no modo impessoal de escrever, nas grandes metanarrativas, nas disciplinas tidas como mais importantes, nas cisões mente-corpo – vão tentando invisibilizar as histórias plurais em função de um currículo que pouco diz do coletivo, seja por uma escuta escassa ou seletiva. Um currículo desvinculado da vida. E, assim, a vida continua. Entretanto, no processo de tessitura da dissertação de mestrado, que buscava narrar experiências de formação coletiva com um grupo de educadoras, um processo de desmoronamento se iniciou. As concepções acerca do que, até então, concebia como fazer pesquisa, se desfizeram, dando início a um processo de desconstrução dos modos de invisibilização, já que o contato com outras epistemologias, outros referenciais, outros modos de conceber pesquisa, fizeram com que as certezas fossem fissuradas, e, com isso, houvesse a possibilidade de conexão com a menina que amava ouvir as histórias plurais,

e que conheceu e experimentou o movimento autobiográfico.

Uma das descobertas foi a visibilidade da pesquisadora, que se escondia na escrita em terceira pessoa e no silêncio – por não reconhecer/conhecer a riqueza de compartilhar as histórias para a construção do conhecimento. Adensamos aqui, em consonância com Bolivar (2014), que ao investigar, imergir nas histórias e contá-las, vamos produzindo sentidos por meio de múltiplos caminhos, o que confere um caráter que diz sobre esta abordagem: a pluralidade metodológica. Dando a ver que as possibilidades criativas são inúmeras, afugentado a ideia de método único, e sobretudo, ressaltando a existência de uma galáxia de possibilidades de construção de saberes e compreensões científicas.

Suarez, (2015) afirma alguns fios que fazem as urdiduras desta abordagem, ao se concentrarem em “como estão sendo vividas, percebidas e interpretadas as experiências de vida nos entornos culturais contemporâneos por aqueles que as vivem, fazem e recriam” (Suarez, 2015, p. 8). Aos poucos, as perguntas e questionamentos foram borbulhando, emergindo, pois estava dentro do texto, escrevendo, narrando em primeira pessoa, percebendo a potência das pesquisas minúsculas (Guedes; Ribeiro, 2019) e alargando a compreensão de que existem modos outros de pesquisar, contra hegemônicos, em um movimento que:

Transcende limites espaço-temporais e que nos une a tantos que antes de nós lutaram nossas lutas e de outros que virão, gerações de pesquisadores-formadores que se unem e que se diferenciam. Unem-se em princípios que trazem a centralidade das narrativas, das memórias e histórias. Valorizando o oral e o escrito, na tessitura de uma epistemologia outra, e se diferenciam na pluralidade de campo de conhecimento e de referenciais teórico-metodológicos, na construção instituinte dos mais diversos modos de viver, narrar e guardar (Bragança; Balassiano, 2014, p. 11).

Diante destas descobertas, e das inúmeras possibilidades de criação, o que poderia ser coerente na continuidade da pesquisa? No revolver do processo, as conversas foram se agigantando como uma possibilidade, pois as narrativas, as histórias e memórias eram princípios, portanto, centrais. Conversas, que trouxeram a oralidade com suas emocionalidades, tensões, pausas, respiro, o olho no olho. Mas, como levar as conversas, as narrativas para dentro do texto, sem que percam a essência? A preocupação de contradizer o que se afirmava ao longo do processo esteve sempre presente, pois era um risco. Um risco que era preciso assumir, já que fomos/somos forjadas na perspectiva da ciência moderna e “carregamos conosco a memória de muitas tramas, o corpo molhado de nossas histórias” (Freire, 2020, p. 16). Assumindo essa possibilidade, mas buscando trilhar nas escolhas tecidas, Brandão (2003) nos direciona que é preciso que a ideia central esteja no texto em sua totalidade, e não apenas, em recortes sem sentido, pois o sentido que o narrador intenciona deve estar por inteiro. Posto que:

As histórias pessoais não são meramente uma maneira de contar a alguém nossa vida. Elas são meios pelos quais identidades podem ser construídas, seu estudo revela sobre a vida social e cultural do contexto em que vivem os narradores. Estudar a educação é também estudar as experiências (Guedes; Chaves, 2020, p. 180).

Nesse sentido, seja narrando nossas histórias, escrevendo-as em papel ou inscrevendo-as em nós,

quando fazemos coisas com as palavras, do que se trata é de como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como correlacionamos as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos e de como vemos ou sentimos o que nomeamos. (Larrosa, 2014, p. 17).

Desta maneira, no âmbito da pesquisa (auto)biográfica, não se trata simplesmente de

palavras. São sentimentos, atos, pensamentos, percepções e identificações nomeadas, expressadas pelo recurso da linguagem: gestualizada, escrita, desenhada... Operam, portanto, como palavras-ações que desejam atravessar e serem atravessadas por aquela/e que entre em contato com elas como “[...] uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos” (Larrosa, 2014, p. 25). Elas anseiam que as experimentemos com nossas próprias existências, em nossos próprios cotidianos; façamos com nossas mãos; enxerguemos com nossos olhos.

Experimentemos, façamos e enxerguemos possibilidades mais éticas, sensíveis, responsáveis e comprometidas com uma pesquisa, portanto, cúmplice com a vida.

## Por caminhos mais éticos, estéticos e poéticos na Pesquisa (e na) Vida

Qualquer caminho é apenas um caminho e não constitui insulto algum – para si ou para os outros – abandoná-lo quando assim ordena o seu coração. (...) Olhe cada caminho com cuidado e atenção. Tente-o tantas vezes quantas julgar necessárias... Então, faça a si mesmo e apenas a si mesmo uma pergunta: **possui esse caminho um coração?** Em caso afirmativo, o caminho é bom. Caso contrário, esse caminho não possui importância alguma (Castaneda, 1968 apud Capra, 1983, p. 21, grifo nosso).

Assim, como Fritjof Capra, um pesquisador que atua no campo das ciências naturais interessado em perceber os caminhos que trilha pelo pulsar do coração, acreditamos que cultura e natureza, ciência e vida, intelectualidade e poesia operam juntas. Investigamos no campo da Educação confiando e artesanando caminhos que, mais éticos, estéticos e poéticos, possam, portanto, fazer surgir Pesquisas (e) Vi-

das também mais éticas, estéticas e poéticas.

Caminhos que, possuindo um, dois, três, vários corações, são alumados por esses fundamentos que convocam uma postura ativa, respeitosa e escutadora no processo. Fundamentos que, operaram, para nós, durante a pandemia de Covid-19, como as lanternas portáteis de Boaventura de Souza Santos:

numa época como esta, os que lutam contra a dominação não podem contar com a luz no fim do túnel. Terão de levar consigo uma lanterna portátil, uma luz que, mesmo sendo trêmula ou fraca, ilumine o suficiente para que sejam capazes de identificar o caminho como sendo o seu caminho e, assim, evitar acidentes fatais (Santos, 2021, p. 11).

Fundamentos-lanternas que, amplificando o volume das conversas gentilmente estabelecidas, das escutas generosamente disponibilizadas, da intimidade construída pelas narrativas fiadas e encontros de histórias de vida, nos fizeram, em meio a intensidade daqueles dois anos pandêmicos, respirar profundamente – como a vírgula a qual nos foi apresentada por Tiago Ribeiro no início deste texto. Lembremos, pois...

Uma vírgula é uma pausa no mundo, um convite a olhar bem o que habita as frestas; um respiro às nossas explicações tão indolentes. Uma provocação a dar-mo-nos tempo e silenciar para escutar o outro – sua voz, corpo e existência (Ribeiro, 2022, p. 100).

Respirar, pausar, mover, narrar, silenciar, habitar e visitar as histórias que nos habitam para constelar. Eis aí a teia que nos uniu aqui: o desejo de fazer com que as narrativas, escritas em nós, fossem a base teórico-metodológica por meio da qual artesanamos pesquisas.

Pesquisas que, assim como neste ensaio, intencionamos aflorar questionamentos e não encerrar debates. Por isso, tanto em nossas dissertações quanto aqui, “finalizamos” as nar-

rativas ao compartilhar, não resultados, mas sim achadouros (Barros, 2018), preciosidades que encontramos ao escavar e escovar saberes (Barros, 2018) ao longo do caminho.

O primeiro é o fortalecimento de uma escrita-pesquisa, que é uma escrita-vida, uma escrita que conta dos percursos, dos percalços e de como o conhecimento foi/vai sendo tecido e retocado à medida que vivido, experimentado, ressignificado. O segundo, foi/é o entendimento e a assunção de pesquisas que sejam com e não sobre; que trouxeram as/os educadoras/es para o centro da roda, formando um coro de vozes que potencializaram as diferenças, por meio de uma educação viva, pulsante, de corpo inteiro, que por ter sido construída no coletivo, formou constelações, como defende Krenak (2019).

Por fim, a possibilidade de oportunizar formações que uniram sensível e inteligível, por meio de proposições que colocaram em cena um corpo pulsante, vibrante, acolhido em suas particularidades e potências, articulando e fortalecendo narrativas que contaram/contam dos processos de constituição de sujeitas/os-docentes, retroalimentando práticas que ascenderam/ascendem as narrativas e os corpos discentes, é outro achadouro importante, urgente e insurgente, em meio a uma educação que ainda está sob a égide da rigidez, do imobilismo, do silenciamento e da sacralização e hierarquização de saberes.

Dito tudo isso, esperamos que histórias outras tenham sido lidas; narrativas outras tenham sido possíveis; futuros outros tenham sido sonhados e educações outras se materializem como possibilidades reais.

## Referências

ADICHIE, Chimamanda. **O perigo de uma única história**. Canal do TEDx no YouTube, 2009. Disponível em: [https://www.ted.com/talks/chimamanda\\_ngozi\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story/transcript](https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript)

[script?language=pt-br#t-9779](#). Acesso em maio de 2020.

BOLÍVAR, Antônio. **A expressividade epistêmico-metodológica da pesquisa (auto) biográfica**. Conferência: VI Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica (VI CIPA). Janeiro, 2014.

BONDÍA, Jorge. O ensaio e a escrita acadêmica. **Educação e Realidade** [online], Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), v. 28, n. 2, p. 101-115, 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25643/14981>. Acesso em: 28 mar. 2022.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; BALASSIANO, Ana Luzia Grillo. Carta-convide aos congressistas do VI CIPA. In: MINGNOT, A. C., Elizeu Clementino de Souza, BRAGANÇA, I. F.S. **Programa e anais Congresso Internacional de pesquisa (Auto)Biográfica**. Rio de Janeiro: BiOgraph, 2014. p. 11-13.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A experiência a várias mãos**: a experiência da partilha através da pesquisa na educação. São Paulo: Cortez, 2003.

CAPRA, Fritjof. **O TAO da Física**: um paralelo entre a Física Moderna e o Misticismo Oriental. São Paulo: Cultrix, 1983.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa**: experiências e história na pesquisa qualitativa. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2015.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **O sentido dos sentidos**: a educação (do) sensível. 2000. 234f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

EVARISTO, Conceição. A Escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs.). **Escrevivência**: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 12-28.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 69. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. 27. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano. **Que fazer**: Teoria e Prática em Educação Popular. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2020.

GODOY, Rossana; RAMALLO, Francisco; RIBEIRO, Tiago. **Investigaciones-vidas**: conversar, escuchar, constelar. Rio de Janeiro, Brasil: Ayvu, 2023. – (Ciência e Pesquisa em Questão; v. 3)

GUEDES, Adrienne Ogêda; CHAVES, Iduina Mont'Alverne Braun. A memória de uma mestra: trilhas de um pensamento pedagógico. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 05, n. 13, p. 178-193, jan./abr. 2020.

GUEDES, Adrienne Ogêda; FERREIRA, Michelle Dantas. Formação sem fôrma: a singularidade do processo de ser professor da Educação Infantil. **Educação**, v. 43, n. 1, p. 1-12, jan./abr. 2020.

GUEDES, Adrienne Ogêda; RIBEIRO, Tiago. Revelar-se ou ocultar-se? Apontamentos para pensar uma pesquisa educativa. In: GUEDES, Adrienne Ogêda Guedes; RIBEIRO, Tiago (Orgs.). **Pesquisa, alteridade e experiência**: metodologias minúsculas. Rio de Janeiro: AYVU, 2019. p. 19-46.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2001.

NUNES, Isabella. Sobre o que nos move, sobre a vida. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella (Orgs.) **Escrevivência**: a escrita de nós – reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

OLIVEIRA, Nathália. **Uma leitura das mães em Conceição Evaristo**. 2020. 91 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Universidade de Brasília (UNB), Brasília, 2020.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **Para ler em silêncio**. São Paulo: Moderna, 2007.

PASSEGGI, Maria Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino; VICENTINI, Paula Perin. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v. 27, n. 01, p. 369-386, abr. 2011. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-46982011000100017&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982011000100017&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 22 mar. 2024.

RIBEIRO, Tiago. Conversa. In: REIS, Graça; OLIVEIRA, Inês Barbosa de; BARONI, Patrícia (Orgs.). **Dicionário de pesquisa narrativa**. Rio de Janeiro, RJ: Ayvu, 2022, p. 99-104.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo**: a afirmação das epistemologias do Sul. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

SUAREZ, Daniel Hugo. Pesquisa Narrativa: outras formas de conhecer. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; SOUZA, Elizeu Clementino. **Pesquisa Narrativa, interfaces entre história de vida, arte e educação**. Santa Maria: UFSM, 2017. p. 8-16.

Recebido em: 11/06/2024

Revisado em: 18/07/2025

Aprovado em: 22/07/2025

Publicado em: 30/07/2025

**Michelle Dantas Ferreira** é mestra em Educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Professora da Prefeitura do Rio de Janeiro. Pesquisadora do Grupo FRESTAS (Formação e Resignificação do Educador: Saberes, Arte, Troca, Sentidos) vinculado ao NINA (Núcleo Infância, Natureza e Arte) na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). E-mail: [michaduda@yahoo.com.br](mailto:michaduda@yahoo.com.br)

**Adriane Ogêda** é doutora em Educação (UFF). Professora Associada na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). É líder do grupo de pesquisa FRESTAS (Formação e Resignificação do Educador: saberes, troca, arte e sentidos) vinculado ao NINA (Núcleo Infância, Natureza e Arte) na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). E-mail: [adriane.ogeda@gmail.com](mailto:adriane.ogeda@gmail.com)

**Edilane Oliveira da Silva** é mestra em Educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Professora de Educação Infantil do Município do Rio de Janeiro. Pesquisadora do grupo FRESTAS (Formação e Resignificação do Educador: Saberes, Troca, Arte e Sentidos), pertencente ao Núcleo Infância, Natureza e Arte (NINA), vinculado à UNIRIO. E-mail: [oliveiraedilane62@gmail.com](mailto:oliveiraedilane62@gmail.com)

**Vitória da Silva Bemvenuto Bonifacio** é mestra em Educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Atua como professora formadora em espaços educativos formais (educação básica e ensino superior) e não formais. Pesquisadora do/no Grupo FRESTAS (Formação e Resignificação do Educador: Saberes, Troca, Arte e Sentidos), vinculado ao Núcleo Infâncias, Natureza e Arte da UNIRIO. E-mail: [bemvenutovitoria@gmail.com](mailto:bemvenutovitoria@gmail.com)